

os pedreiros da anarquia

edgar rodrigues*

Hoje meu encontro é com os *carregadores das pedras* que serviram para construir os alicerces, formar as bases do *palácio da anarquia*.¹

No Brasil e/ou nos países europeus, asiáticos e africanos “exportadores” de mão-de-obra, nas últimas décadas do século XIX e em mais da metade do século XX, as escolas de alfabetização eram escassas, e para os filhos dos trabalhadores braçais, praticamente inalcançáveis!

As famílias pobres (muito numerosas na época) tinham de empregar seus filhos, aos sete anos de idade, nas fábricas, nas oficinas, na construção civil e no comércio como ajudantes. Salvo poucas exceções, sem receber ordenados, aprendiam ofícios à força de pescoções e outras violências físicas e psicológicas.

* Vivendo no Rio de Janeiro desde 1951, Edgar Rodrigues é um dos mais importantes arquivistas dos movimentos anarquistas no Brasil e em Portugal. Suas análises, entrevistas e compilações de documentos distribuem-se em mais de quarenta livros e cerca de mil artigos.

A alfabetização dos imigrantes e trabalhadores nativos começava nos locais de trabalho, ouvindo seus companheiros, mais preparados e experientes, ler jornais sindicalistas e anarquistas, em voz alta na hora do almoço, e fazer refeições, quando o ambiente permitia. Depois iam assistir aos debates e palestras nas associações de classe profissionais, e os mais aplicados participavam de cursos de alfabetização, profissionalizantes e de militância ideológica.

No Brasil, as associações operárias, depois sindicatos, foram as escolas e as Universidades do proletariado! Dir-se-ia que aprendiam simultaneamente profissões e o ler e escrever. E ainda sindicalismo, luta de classes e anarquismo. Seus redutos de resistência (sindicatos), eram também escolas profissionais, de solidariedade, tornando-se ainda veículos de *ajuda mútua*, uma prática que servia para sustentar sedes quando um só sindicato não podia pagar o aluguel; para socorrer companheiros doentes, desempregados e presos; para custear publicações de boletins, jornais, opúsculos e até livros de idéias avançadas.

Entre as reivindicações dos assalariados estavam a redução da jornada de trabalho de 14, 12 e 10 para 8 horas diárias, seguros de acidentes no trabalho e de invalidez, das mulheres operárias poder ter seus filhos em casa e dispor de alguns dias para amamentá-los; lugar para comer nas fábricas, o fim do carrancismo patronal, espancamento de menores e até de mulheres, melhorias salariais.²

Aos poucos, o proletariado compreendeu também que seus filhos iam trabalhar na idade que deviam frequentar as escolas (aos sete anos de idade); entravam na adolescência, passavam a juventude e a fase adulta como seus pais.

No Brasil, a questão social era tão implacável com os assalariados quanto nos países de onde tinham vindo os imigrantes para desbravar e produzir a riqueza que faz deste país uma grande nação, que só não é boa para todos os seus habitantes, porque existem políticos, gerados nas incubadoras das Igrejas e do Estado!

No 1º Congresso da velha A.I.T (Associação Internacional dos Trabalhadores), realizado de 3 a 6 de Setembro de 1866, em Genebra (Suíça), e nos subseqüentes de 1867, 1868, 1869 e 1872, os congressistas discutiram métodos racionalistas de ensino e educação que deviam ser postos em prática pelos trabalhadores e outros que o desejassem.

O eco do novo ensino e da escola nova atingiu o proletariado na Europa. Chegou ao Brasil, nas cabeças dos imigrantes. E não obstante a demora, abriu novos horizontes ao produtor de riquezas, despertando a imaginação de muitos que não queriam ter deveres sem direitos e agitou esse entendimento nas associações operárias e nos locais de trabalho.

Seguindo os exemplos de seus companheiros europeus, os trabalhadores imigrantes formaram escolas racionalistas no Rio Grande do Sul, nos subúrbios do Rio de Janeiro, em São Paulo e em outras localidades do Brasil.

Inicialmente, o propósito era alfabetizar operários (pais e filhos) e, logo mais, proporcionar-lhes conhecimentos gerais, sociologia, sindicalismo, anti-clericalismo; capacitá-los intelectualmente, inclusive com ajuda da Arte de Talma, desenvolvida nos teatros operários.

No Rio de Janeiro, em 1904, e em São Paulo, em 1915, também, foram implantadas Universidades Populares e ministrados cursos profissionalizantes, sociológicos,

Os pedreiros da anarquia

envolvendo a emancipação social e a autogestão, em tempos idos conhecida como ajuda mútua.

Exemplificamos na seqüência com os *pedreiros da anarquia*, residentes em Campinas, no ano de 1908, implantando uma *Escola Livre*, apoiada no documento (raríssimo) que se reproduz.

“A Liga Operária de Campinas tomou uma iniciativa bem digna de simpatia, a aquisição de um prédio para o funcionamento da escola infantil que ora está em prédio impróprio e acanhado, procurando baseá-lo o mais possível nos modernos princípios pedagógicos.

A escola não deve ser um lugar de tortura psíquica ou moral para as crianças, mas um lugar de prazer e recreio, onde elas se sintam bem, onde o ensino lhes seja oferecido como uma diversão, procurando aproveitar a sua natureza irrequieta e alegre, falando-lhe mais às suas faculdades e sentimentos, ao olhar do que ao ouvido, dedicando-se mais à inteligência do que à memória, esforçando-se em desenvolver harmônica e integralmente os seus órgãos.

A experiência, a observação direta, a recreação instrutiva serão muito mais favorecidos pelo professor que compreende a sua missão, do que as longas e fatigantes preleções e as recitações fastidiosas e sem sentido.

O que é verificável pelo próprio aluno, o que é demonstrável, claro, lógico para a criança, o que ela por si mesma descobrir ou desenvolver — isso será preferido a todas as divagações metafísicas ou filosóficas, a todas as afirmações impostas pela autoridade do pedante, que não pode senão favorecer a preguiça intelectual.

E por isso a escola não será religiosa nem anti-religiosa, não será política, não será dogmática, mas irá buscar a lição de coisas, a natureza vivida e provocada,

ao vasto campo das ciências exatas, ao raciocínio espontâneo e fácil, os motivos de agradável estudo para as inteligências que desabrocham e da larga e salutar expansão para os organismos tenros.

Tal é o plano, tal o intuito que anima e inspira nossos atos, esforçando-nos pela realização desse melhoramento, que até o presente não foi tratado com o devido carinho, pela falta de fundos, que desaparecerá com a medida que acabamos de tomar, o lançamento de um empréstimo operário, para o qual esperamos o vosso apoio e ajuda trabalhadores.

Regulamento:

Art. I – Fica criada entre os sócios da Liga Operária de Campinas e outras pessoas que queiram coadjuvar esta associação e sua escola, uma emissão de 2.000 ações, no valor de R\$ 5.000 cada uma.

Art. II – Estas ações receberão 3% anualmente de dividendos, sendo sorteadas quando houver fundos.

Art. III – Para garantia dos resgates e dividendos, a Liga, contribuirá com R\$ 1.200.000 anualmente e título de aluguel do prédio, (R\$100.000 por mês) pelo que se abriga

Das Ações.

Art. IV – As ações serão intransferíveis, podendo porém, em caso de morte do acionista, gozar todas as regalias delas:

§ 1º - A viúva do acionista, enquanto assim se conservar.

§ 2º - A mãe do acionista, se for viúva, enquanto assim se conservar.

§ 3º - Os filhos do acionista.

Os pedreiros da anarquia

§ 4º - Em qualquer dos casos dos § antecedentes, o herdeiro ou herdeiros estão sempre sujeitos ao expresso no Art. IV, bem como os possuidores de ações legalmente constituídos, na falta destes.

Do Fundo de Reserva.

Art. V – O fundo de reserva constituir-se-á pela forma seguinte:

- a) Pelo que se refere o artigo III.
- b) Pelas importâncias que os acionistas quiseram doar à escola ou à sociedade, com ofertas de ações ou dividendos destas.
- c) Pelas ações e dividendos prescritos de acordo com o artigo VI.

Art. VI – Serão considerados prescritos os dividendos e ações que não forem reclamadas dois anos depois dos respectivos sorteios.

Direitos e Regalias dos Acionistas.

Art. VII – Todos os acionistas estão em pleno gozo de seus direitos e fazem jus:

§ 1º - Os acionistas, membros da Liga pelo que regem os Estatutos sociais.

§ 2º - Os acionistas externos não têm o direito de serem votados, a não ser para comissões especiais, que nada tenham a ver com a questão da Liga.

§ 3º - Assistem-lhes os direitos de:

- a) Participar das assembleias gerais, relativas ao que diga respeito a negócios das ações, podendo propor medidas, votá-las.
- b) Requisitarem, por escrito, do Conselho Administrativo, permissão para examinarem os livros da escri-

tura especial dos negócios das ações, na sede social e em presença do Tesoureiro ouvir as devidas explicações.

c) Fazerem qualquer reclamação ou representação ao Conselho Administrativo.

d) Proporem o que julgarem de vantagem nas assembleias gerais, convocando-as, porém, em número nunca inferior a 30 acionistas.

Dos Diretores.

Art. VIII - Os negócios das ações serão regidos pelos mesmos conselheiros eleitos da Liga Operária, com as obrigações que já lhes são impostas nos Estatutos Sociais.

Da Escrituração.

Art. IX - Haverá para os casos especiais desse regulamento:

§ 1º - Um livro especial de registro de assinatura dos acionistas, encimado com este regulamento, discriminando neste livro o número das ações de cada um.

§ 2º - Talões numerados e rubricados pelo Contador e Tesoureiro, com as ações impressas, devendo cada portador deixar no canhoto respectivo sua assinatura ou autorização.

§ 3º - Livros ou quaisquer outros impressos auxiliares, à ordem do Conselho.

Disposições Gerais.

Art. X - Todo o acionista, que assinar no canhoto do Talão das ações ou no livro especial, (Art. IX § 1º), fica aceitando, para todos os seus efeitos, este Regulamento.

Art. XI - A escrituração especial de quantias e quaisquer valores, fica a cargo de pessoa competente de conformidade com o Art. IX e seus §, bem como o desempenho de expedientes e execuções de tudo ao que se refere

Os pedreiros da anarquia

este Regulamento ou for determinado por Assembléia Geral.

Art. XII – Seja qual for o número das ações ao portador, o Possuidor ou acionista tem direito a um único voto.

Art. XIII – Em assembléia geral é permitido o voto por procuração legal.

Art. XIV – Revogam-se as disposições em contrário.

Sala de Conselho Administrativo da Liga Operária de Campinas, em 22 de Agosto de 1908.

O Relator, José Fonseca.

O Secretário, Joaquim Ribeiro.

A Comissão: Max Stephan, José Piovesan, Carmine D. Abruzzi, Vittorio Maggalira, Ramón Durán.”

Estes e outros *pedreiros da anarquia* projetaram, carregaram as pedras, fixaram-nas “argamassadas” com “anarquismo” uma sobre as outras simetricamente e a obra ganhou forma, proliferou com maior ou menor intensidade em parte do território brasileiro, muitas vezes dificultada pelas autoridades que desejavam um trabalhador ignorante, submisso!!!

Foi uma penosa edificação interrompida, periodicamente, pelos governantes dispostos a impedir a emancipação social, cultural, e humana do proletariado.

Por força de uma educação libertária e de um aprendizado ideológico, o trabalhador realizou uma gigantesca obra, obrigando os poderosos e os políticos a alterar leis primitivas, tornando suportável a mão-de-obra nas fábricas, nas oficinas, e a questão social entrou nos romances.

Como pensavam grande esses trabalhadores braçais! Se tivessem sido escutados hoje não estaríamos cer-

cados de pobreza, favelas, drogas, violência, as casas de muralhas e janelas com grades como cadeias.

Dezenas, centenas de *pedreiros da anarquia* nascidos na Europa, na América e no Brasil aprenderam quase tudo que sabiam nas sedes dos sindicatos, dos Centros de Cultura Social, nos Grupos de Teatro Libertário e/ou estudando em Escolas Livres, lendo a imprensa operária, ácrata e exercitando seus conhecimentos intelectuais, exercendo ofícios vários, falando aos que sabiam menos e/ou tinham receio de demonstrar o que haviam aprendido na escola da oficina, na Universidade da vida...

Conheci e soube de Pedro Catalo, Jaime Cubero, Manuel Joaquim de Sousa, Manuel Silva Campos, Antônio Corrêa, Artur Modesto, Carlo Aldegheri, Serafim Cardoso Lucena (tinha escola livre e abastada biblioteca em casa), José Sarmiento Marques (responsável pelo jornal anarquista *O Despertar*, Rio de Janeiro, 1898), Pedro Matera (fundador do jornal *Liberdade*, 1917, da Escola Livre 1º de Maio, inicialmente em Vila Isabel e depois em Olaria, Rio de Janeiro, década de 20), João Peres Boucas, Antonio Dominguez, Ricardo Cipolla, Afonso Festa (expulso em 1919), Daniel Conde (diretor de *A Luta*, Porto Alegre), Antonio Orellana (livreiro do anarquismo, em São Paulo, na primeira década do século XX), todos operários *sapateiros*.

Muitos destes *pedreiros da anarquia*, falavam como Tribunos, defendiam idéias na imprensa anarquista e sindicalista. Outros escreveram poesias, opúsculos, livros (caso de Pedro Catalo e Manuel Joaquim de Sousa), defenderam teses de muito valor cultural e libertárias em congressos. Foram diretores e escreviam em diários, semanários e periódicos. Redigiram peças para o teatro, foram excelentes atores/amadores.

Lembro e conheci operários marceneiros e carpinteiros: J. Marques da Costa (orador dos maiores que andou

Os pedreiros da anarquia

por Manaus, Pará e foi expulso do Rio de Janeiro em 1925, por falar no 1º de maio, na Praça Mauá, sem ordem da Polícia Carioca). Foi diretor/fundador da revista *Renovação* (1922-1923) do jornal *O Trabalho*, Rio de Janeiro. Aqui trabalhou como jornalista contratado nos diários *A Pátria*, *A Vanguarda* e outros). Domingos Passos (O Bakunin brasileiro, um dos mais ativos anarquistas e das maiores vítimas das autoridades brasileiras). Manuel Perez Fernandez (diretor do porta-voz do marceneiros cariocas). Expulso do Brasil em 1919, Perez foi para a Espanha, esteve refugiado em Lisboa, na França, voltou a Espanha e foi condenado à morte nos anos 1937-1939. Salvo por adido comercial brasileiro, voltou ao Rio de Janeiro e, em 1946, com Oiticica, Roberto das Neves e outros, ajudou a fundar *Ação Direta*: escrevia e falava muito bem (deixou um livro de memórias inédito comigo).

Victorino e Luciano Trigo, José Oliva (o faz tudo em “Nossa Chácara”/Nosso Sítio), José Martins (autor de monumental obra histórica em dois volumes: *História das Riquezas do Clero Católico e Protestante*), Joaquim Moreira da Silva, poeta popular, cuja obra foi transformada em tese antológica com cerca de 600 páginas.

As marcas destes *pedreiros* aparece na imprensa operária, na anarquista e/ou em atividades de educação racionalista e ainda incomodaram intelectuais, muitos políticos e autoridades.

E fundaram a União dos Operários em Construção Civil, primeiro num quarto, em casa de família na rua Senador Eusébio, em 1917, e depois num prédio com espaço para escola e grupo de teatro social, educando e preparando anarquistas e atores. Ficava na rua Camari, 119. Encenaram peças como *Gaspar*, *O Serra-lheiro*, de Batista Machado, *Amanhã*, de Manuel La-

ranjeiras, entre outras que sacudiam as teias de aranha dos “Casacas Velhas” do jornalismo e dos intelectuais e irritou a burguesia e as autoridades.

Ainda na construção civil, conheci Diamantino Augusto, José Augusto de Castro, Manuel Lopes, Rodozinho Colmenero (diretor de *A Voz Humana*), Venâncio Pastorini (autor de opúsculos, como *Cartilha Libertária*), Luis Saturino, Augusto Godinho, Armino Sarrilho, Fernando Neves, Manuel Correia, Manuel Marques Bastos, Pascula Gravina, José Salgueiro, João Perdigão Gutierrez fundador do jornal *Dor Humana*), Francisco Fernandes, Albino Soares; soube de Eládio César Antunha, e Antônio Julião (o cérebro da greve pelas 8 horas diárias em Santos) e quantos mais que deflagaram e orientaram greves, distribuíram manifestos, poesias revolucionárias, discursavam em comícios na praça pública, escreviam (e alguns dirigiam periódicos e distribuíam-nos nos locais de trabalho, dando inigualável colaboração ao teatro anarquista (Pascula Gravina, Manuel Marques Bastos, José Augusto de Castro).

Os operários gráficos também escreveram livros, foram diretores de jornais e publicaram obras, participaram de congressos anarquistas, operários e pacifistas (contra a guerra, 1917): Carlos Dias (primeiro Diretor do diário *Voz do Povo*, autor da obra *Contra Perpetuidade do Erro e da Mentira*, dentre outras); Antônio Alves Pereira (diretor de *A Aurora*, tradutor de *O Estado e seu Papel Histórico*, de Kropotkin, autor do volume *O Proletariado Militante*); Alexandre Belo (fundador de *Ação Sindical*, São Paulo, 1958); Manuel Moscoso (diretor/fundador de *A Liberdade* e redator do Órgão da C.O.B, *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, 1908, com Cecílio Vilar e outros); Polidoro Santos (publicou a revista *Renovação*, no Rio de Janeiro, 1905); Clemente Vieira dos Santos; Antônio Teixeira de Araújo e deze-

Os pedreiros da anarquia

nas, centenas de operários ilustres, gráficos, jornalistas e carregadores de *pedras* para edificar o *palácio da anarquia!!!*

Foram ao mesmo tempo escritores, jornalistas atores, oradores, contribuintes, distribuidores de imprensa pelo correio, de mão em mão, colaram nas paredes, foram presos, espancados e alguns expulsos.

Conheci e visitei o camponês Elias Iltchenco, em Erebangó, Rio Grande do Sul. Veio da Ucrânia, conheceu o anarquismo, aprendeu sem mestre, português, espanhol e esperanto; os ex-camponeses Maria Valverde, Cecílio Dias Lopes, Diego Gimenez, Aldigo Agostani, Gumercindo Alvarez, Emilio Tesoro e Vicente de Caria.³

Soube ainda de militantes pintores como Gigi Damiani (autor de peças de teatro anarquista, expulso para a Itália em 1919); José Romero (expulso para a Espanha em 1919, esteve em Lisboa, retornando clandestinamente para o Rio de Janeiro; foi um dos redatores de *A Terra Livre*, *A Lanterna* e, em Lisboa, de *A Batalha*: escrevia e falava bem); Rodolfo Felipe (dirigiu *A Plebe* muitos anos), João Navarro, um grande colecionador de obras, inclusive da *Revista Blanca*, que deu de presente. Damiani, Felipe e Romero foram dos melhores jornalistas operários que o movimento anarquista já teve.

Conheci e soube de operários barbeiros, Amílcar dos Santos, Adalberto Viana (bom poeta libertário), Daniel Montalvão, Zacarias de Lima, e empregados do comércio: Adelino Tavares de Pinho⁴, Antônio Duarte Candeias⁵, Atílio Pessagno, Aquilino Massena, F.G. Sousa Passos (autor de vários opúsculos e deixou uma excelente obra inédita, *O Sentido Artístico do Anarquismo*).

Podem-se juntar ainda outros *pedreiros da anarquia*, como Hilário Marques (caldeiro, fundador/diretor da revista *A Sementeira*, duas fases); Alexandre Zanella, José

Rodrigues Reboredo (confeiteiro, tradutor do francês, espanhol e do alemão); Júlio Gonçalves Pereira, João Castanheira, Joana Buelo (têxteis), Aníbal Dantas (correeiro), Virgílio Dall'Oca (taxista), Frederico Kniested (vassoureiro, diretor de *Aktion*, *Der Freie Arbeiter*, *Alarm*, em alemão e, em português, de *O Sindicalismo*, e deixou textos para o volume *Memórias de um Imigrante Anarquista*, 157 páginas, Rio Grande do Sul.

Conheci, pessoalmente, Rafael Fernandez, amolador de tesouras e facas, em Porto Alegre. Nascido na Espanha veio menino para o Brasil. Nos últimos anos de vida muitos intelectuais iam à casa de Rafael, ouvi-lo falar, e só o conheciam como “El Paragüero”. Ajudou a fazer *A Luta* (2º fase) e vendeu jornais; também convivi com Margarida Barros, Virginia Dantas, Elvira Boni, costureiras, e soube de Teresa Nandes, Maria Rodrigues, Alfredo Vasquez (alfaiate); Isidoro Augusto (marmorista); José Reis Segueira (corticeiro); Antônio José do Amaral (cocheiro), Balezário Pereira (carvoeiro), e centenas e centenas de operários e operárias. Muitos nomes encontrei nas atas, na imprensa operária e no noticiário policial, acusados de subversão e só lutavam pela liberdade, pela Anarquia!!!

Estivadores como Manuel Campos, diretor de *O Protesto*, e algum tempo de *A Plebe*; o vidreiro Belmiro da Silva Jacintho, pescadores João Franco e Jaime Rebelo; e o mineiro Valentim Adolfo João.

A maioria desses *pedreiros da anarquia* estudou nos sindicatos e nos Centros de Cultura Social e aprenderam (sabiam) que Revolução é antes de tudo uma idéia, um sentimento, uma vontade cultural e sociológica; é trabalho e bem-estar social distribuído equitativamente por todos, por cada um.

Os pedreiros da anarquia

Que Revolução principia nos cérebros, evolui livremente fundamentada numa filosofia de vida generosa e positiva, baseada em sentimentos de solidariedade e ações que equilibram atitudes e movimento, na harmonia que “funde” a natureza e o homem, que concebe e prepara personalidades, profissional e emocionalmente, para incorporar esforços e capacidades, caracteres bem formados, cidadãos tolerantes que aceitem seus companheiros como são e não como queriam que fossem, à sua imagem e semelhança, capazes de produzir, participar, dar e receber.

Que Revolução consciente fomenta e desperta a grandeza de sentimentos, a solidariedade entre as pessoas, entre povos, cultiva todos os dias o Amor ao próximo, à Humanidade, com o mesmo carinho e seriedade como que cultiva a vida, ao mesmo tempo em que demonstra que o anarquismo não é *estático*, evolui sempre até tornar o trabalho agradável para todos, cada vez mais produtivo, menos desgastante até à perfeição.

Que Revolução começa em cada cérebro humano!

Nos *cinco* volumes *Os companheiros*⁶ evocamos 582 militantes (não consegui os nomes de todos os colaboradores) e destes menos de 2% eram intelectuais. Dos mais de 98% de trabalhadores braçais, de variadas profissões e ofícios, referenciados nos cinco volumes e neste texto, todos deram a sua colaboração ao anarquismo embasados nas idéias sindicalistas e libertárias.

Ainda assim, estes artífices raramente são *notados* pelos que escrevem hoje revistas e livros, “demonstrando erudição acadêmica”.

E, no entanto, *pedreiros da anarquia* têm a sua História escrita com, suor, lágrimas, sangue e fome! Deixaram-na registrada em centenas de jornais, de manifestos, opúsculos, em atas, teses defendidas em Congressos

Libertários, alguns nas praças públicas e/ou nas portas das fábricas. Em certa medida acabaram com a ortodoxia política em locais de trabalho, em vigor nos anos 20/30.

Deixar apagar pelo tempo e pelo silêncio dos que escrevem hoje os construtores do palácio da anarquia é negar a igualdade do anarquismo.

(Como ficaram dezenas, centenas de *pedreiros da anarquia* sem a nossa homenagem e nosso “protesto”, ainda voltarei ao tema!).

Notas

¹ Esta denominação tomei-a “emprestada” do médico e anarquista Fábio Luz. Segundo este produtivo escritor e militante, após ler *Palavras de um Revoltado*, de Kropotkin, tornou-se um defensor do que chamava “O palácio da Anarquia, sempre de portas abertas para entrar e sair quem quisesse”.

² Os anarquistas não viam com bons olhos as greves por aumentos salariais, pois quase sempre originavam aumentos de custo de vida e eternizavam a pobreza. Os anarquistas advogavam o fim do salariado, patronato, e o trabalho em autogestão: o fim do Estado que seria também o fim do capitalismo.

³ Italiano, anarquista, plantava cebolas em Sorocaba; deu aos seus filhos/filhas, os nomes de Anarquia, Progresso, Liberdade, Harmonia, Aurora, Círio, Germinal e Espartaco de Caria. Conheci Anarquia de Caria, companheira de João P. Gutierrez.

⁴ Autor de vários opúsculos como *Quem não trabalha não come* e fundador/professor da Escola Moderna 2, São Paulo. Viveu dando aulas até ter fechada sua escola em 1919. Depois foi dar aulas de ensino livre no interior de São Paulo.

⁵ Autor com Edgar Leuenroth do livro *O que é Maximalismo ou Bolchevismo*, 1919. Antônio Duarte Candeias usou o pseudônimo de Hélio Negro.

⁶ O 1º e 2º volumes foram editados no Rio de Janeiro por Editores Associados, 1994, e o 3º, 4º e 5º pela Editora Insular, Santa Catarina, 1997.

RESUMO

Anarquismos são desenhados tecendo vidas de anarquistas que inventaram soluções libertárias no Brasil, no começo do século XX. Os Pedreiros da Anarquia, de Campinas, aparecem no interior de uma série de trabalhadores libertários que interromperam a continuidade da submissão, inventando novos costumes e novas formas de educação.

Palavras-chave: Anarquia, Brasil, Educação.

ABSTRACT

Anarchisms are developed by the lives of anarchists that created libertarian solutions in Brazil, in the early XXth century. The Pedreiros da Anarquia (The bricklayers of anarchy), in Campinas, are inside a great amount of libertarian workers who refused the submission, inventing new custom and new ways of education.

Keywords: Anarchy, Brazil, Education.

Recebido para publicação em 17 de novembro de 2004.